

ANA LÚCIA MACHADO
 CONCEIÇÃO G. CORRÊA
 DANIEL F. LOPES
 Museu Paraense "Emílio Goeldi"

Resumo: Considerando o litoral maranhense ecologicamente semelhante ao do Salgado, no Pará, e o registro esporádico da existência de prospecção e escavação desses sambaquis, obter dados culturais e cronológicos para fins de relacionamento no tempo e no espaço com os sambaquis do litoral nordeste paraense e com os do Recôncavo Baiano.

A pesquisa de campo foi financiada pelo SPHAN/MPEG, sob a responsabilidade de Mário F. Simões, Conceição G. Corrêa, Ana Lúcia Machado e Renato Sampaio Corrêa (este último com sua morte ocorrendo em campo.)

Atualmente o projeto está sendo retomado por Ana Lúcia Machado, Conceição G. Corrêa e Daniel F. Lopes, para prosseguimento dos trabalhos de laboratório e publicação dos resultados.

Além das estearias do lago Cajari, encontram-se na Costa do Maranhão alguns sambaquis que foram estudados por Raimundo Lopes, arqueólogo do Museu Nacional.

Posteriormente, foram localizados e prospeccionados 8 (oito) sambaquis durante os trabalhos de campo realizados em 1971, nos municípios de São Luís, São José de Ribamar e Paço do Lumiar.

Destes sambaquis, apenas 3 (três), o de Maiobinha Pindaf e do Igualba, não estavam totalmente destruídos. Estes foram escavados estratigraficamente e como os demais foram feitos apenas os trabalhos de levantamento topográfico e coleta de superfície.

Ambiente Geográfico

Fica o município de São Luís localizado na margem ocidental da ilha do mesmo nome, limitado, ao norte, pelo oceano Atlântico, a leste pelo município de Ribamar, a oeste pela baía de São Marcos, ao sul pelo estreito dos Mosquitos, e possui as seguintes coordenadas geográficas: 2031'42" de latitude sul e 44016'42" de longitude oeste de Greenwich.

A sede do Município fica a 4 metros de altitude.

O clima é quente e úmido, com invernos rigorosos, com a temperatura média das máximas 31,06°C e média das mínimas 23,02°C, média compensada 26,05°C.

São Luís apresenta uma área de 502 km².

Numerosas pontas surgem ao largo das baías existentes, destacando-se as pontas d'areia, com farol de luz vermelha e fixa, Bonfim, São Francisco, etc. Pela extensão e beleza natural que apresentam, merecem atenção, as praias existentes, estando entre elas a do Calhau, do Jaguaré, de São Marcos, do Olho d'Água, Ponta d'Areia, etc., sendo as duas últimas preferidas pela população.

Separa a ilha do continente o estreito dos Mosquitos, sobre o qual se estende uma ponte metálica, denominada Benedito Leite, por onde passam as estradas de ferro e de rodagem existentes na comuna. Cortando o solo, encontram-se vários rios, destacando-se o Tibiri com 20.736 m² de curso, perfeitamente navegável em quase toda a sua extensão. Os rios Anil e Bacanga constituem em suas embocaduras verdadeiros braços de mar que banham a cidade. As partes mais altas da cidade de São Luís encontram-se no campo do Ourique (32 m e meio acima do nível do mar), no local denominado São Pantaleão, Largo de São João e Praça João Lisboa.

Dos produtos da indústria extrativa de material vegetal temos o carvão, madeiras em geral e amêndoas de babaçu. De origem mineral temos tijolo, cal do sernambi e de origem animal o peixe e o camarão.

O município de Ribamar está localizado na Zona Fisiográfica do litoral norte. É limitado pela baía de São José, oceano Atlântico e município de São Luís (capital do Estado).

O clima é em geral quente, porém sadio e agradável, amenizado pelos ventos que sopram do mar. No interior do Município é saudável.

Apresenta uma área de 375 km². O terreno do município é, geralmente pouco acidentado.

A sede está banhada pela baía de São José e fertilizando as terras do território, os seguintes rios: Igarapé da Vila, que tem sua origem no alagadiço e um curso de 17.300 m dos quais 5.000 navegáveis até o ponto da Vila. Na margem direita, recebe os igarapés Mucana, Paul Deitado, Baicuf, Pindobal, Pequara, Buanavu, Panquatua-Assu e Gibóia; pela esquerda, vem o igarapé Curaça que passa próximo a Vila do Paço e o rio Paciência.

Histórico

Até fins do século XVI eram inúteis as tentativas de estabelecer um núcleo de civilização nas terras em que hoje está situado o município de São Luís. Partindo de Lisboa em 1535, a Armada sob o comando de Afres da Cunha, naufragou ao atingir os Baixios do Boqueirão, junto à ilha do Medo. Outra tentativa foi feita em 1554, sem sucesso. Essas duas catástrofes, desanimaram os que se interessavam pela conquista do Maranhão.

Os insucessos das armas lusas na África e a conseqüente passagem da coroa portuguesa para o domínio castelhano deram ensejo para que os franceses voltassem a insistir no intento de se estabelecerem no Maranhão. Com este objetivo, foram equipadas três naus, sob a chefia do capitão francês Jacques Riffautt que ali chegara em 1594. O naufrágio do navio principal e a discórdia entre os componentes da tripulação forçaram o fracasso desta tentativa. Alguns elementos dessa expedição, não voltaram à França, preferindo o contato com os selvícolas, ao lado dos quais guerrearam, granjeando-lhes a simpatia.

A morte de Henrique IV, adiou outros empreendimentos, o que só foi levado a cabo em 1611, no reinado de Luís XIII.

Nesse mesmo ano, fundeava a Armada na ilha Grande. Em lugar alto e ajudado pelos índios, construíram um forte. O sítio parece ter sido o mesmo que mais tarde veio a denominar-se Largo do Palácio e que atualmente é a Av. Pedro II. Estabelecido os primeiros contatos com os indígenas, essa fortaleza recebeu o nome de Forte de São Luís, em memória a Luís XIII, rei da França e ao ancoradouro ou porto que fica junto, Porto de St^a Maria, em homenagem a Maria de Médicis, rainha da França, mãe e regente de Luís XIII.

O município de Ribamar, ex-São José de Ribamar, está edificado na extremidade leste da ilha de São Luís, distante da capital do Estado 31 km. Foi em seu início, aldeia dos índios Gamelas. Em 1757, o Governador Gonçalo Pereira, em companhia de várias pessoas e em presença do padre Jesuíta José Vidigal, declarou que removia os regulares da administração temporal dela, restituía aos índios a liberdade de suas pessoas e elevava a aldeia à categoria de lugar, com a mesma denominação.

Soube o governador não haver terra alguma pertencente à aldeia, por se achar a mesma localizada dentro das terras dos religiosos da Companhia de Jesus.

Apesar dos índios não possuírem terras próprias, para sua lavoura, o governador achou necessário adjudicar-lhes qualquer terreno, embora pertencesse aos padres da Companhia ou a outras pessoas, sem embargo dos títulos que tivessem, tudo isto em 1575.

E assim, mandou que João Andiroba, Theodoro Amaro, Teodósio da Silva e Francisco Xavier Corrêa, sob juramento dos Santos Evangelhos, marcassem terras, o suficiente, não só para subsistência dos atuais índios, como também para cem casais. E eles fizeram até mais, marcando as terras para subsistência de 200 casais durante um século, como se vê no livro de criação do lugar.

A vida política de São José de Ribamar começou pelo governador Gonçalo Pereira Lobato de Souza, em 1757, ano em que o lugarejo foi elevado a categoria de "Lugar".

Em março de 1913, foi a vila a município, mas o município foi extinto em fevereiro de 1931, conservando a categoria de vila.

Sucessivos atos e leis vêm alterando e modificando a vida política de São José de Ribamar. Assim, com Paulo Ramos, foi restituída à categoria de município, para ser novamente anexado a São Luís pela Constituição de 1946.

Em 1953 foi elevado à categoria de termo e, finalmente, em 1954, elevada a Comarca.

Referências e Pesquisas Anteriores

Falando sobre o sambaqui da Maiobinha, nas proximidades do Aprendizado Agrícola Cristino Cruz, no município de São Luís, Raimundo Lopes, em 1931, diz tratar-se provavelmente de formações naturais, mais ou menos remodeladas pela ação humana. Ele diz estarmos convencidos de que os sambaquis da Ilha do Maranhão são do tipo misto, isto é, formado pela concomitante presença do homem em pontos onde o litoral foi recuado, depositando-se, ao longo das praias que abandonava, sobre os bancos das lagoas e pontos em geral, lastros de conchas, aos quais se misturaram, em maior ou menor escala, as conchas provenientes dos restos de alimentação dos habitantes da orla marinha, com fragmentos de seus utensílios e seus esqueletos.

O aspecto plano inclinado, sem relevo especial sobre os matos vizinhos, apesar da apreciável espessura dos lastros, a extensão dos vestígios de conchas mato a dentro, tudo impede de admitir uma origem direta.

A presença de pequenas conchas, formando camadas virgens no fundo dos sambaquis, deve-se pensar em deposição natural.

Assim, pensa ele, serem os sambaquis da Maiobinha e do Pindaí, resultantes, diretamente da retirada do mar na laguna, hoje convertido em parte integrante da Ilha do Maranhão, na qual o vale duplo, de São João e da Paciência se formou, mas também da presença nesta laguna, de uma população que se alimentava de moluscos e que influi grandemente na formação dos lastros de conchas. É muito natural que os primitivos do litoral, depositassem os seus restos e acampassem para a colheita alimentar nos pontos rasos das lagunas, diariamente descobertas pelas baixa-mar e que, desse modo, os seus restos se misturassem, confundidos com lastros de conchas depositadas naturalmente, num processo que a retirada do mar incrementaria.

É cabível, nesses aborígenes, tal espécie de estada para colheita alimentar. Assim, ainda procedem os índios e caboclos de hoje, com seus ranchos e abrigos temporários de pesca e caça.

Dentro de tal ponto de vista, o recuo do mar e a deposição natural (abundância de conchas de moluscos), são causas físicas que condicionam, num encadeamento natural a ação do homem, atraindo-o a esses pontos do litoral.

Não queremos dizer com isso, que todos os sambaquis brasileiros sejam deste tipo misto e assim formado, mas cremos que assim aconteceu na Ilha do Maranhão, cujos sambaquis nessa hipótese apresentam como que uma formação antropogeográfica, tipicamente.

Luis Rego, embora por outras considerações, admite uma fase do acréscimo do litoral no holoceno.

O sambaqui da Maiobinha, também foi visitado pelo geólogo Antonio Dias. Diz estar ele situado junto aos alagadiços de onde se deriva o rio Paciência, que se dirige para a baía de São José, e formando com o rio São João uma embocadura chamada Igarapé da Vila. O Vale da Paciência é uma depressão estreita e empantanada, cujo mato de igapó contrasta com os capoeirões e cerrados vizinhos.

Uma lagoa absorve, um pouco abaixo do lugar Maiobinha, as águas dos pântanos superiores, e centraliza uma formação de brejo ou biritizal e que embora se tratando de pequeno vale, guarda semelhança com a formação dos campos cobertos da baixada maranhense.

Em 1927, Lopes reconheceu no vale do rio de São João, outro sambaqui, na localidade de Pindaí, adiante da ponte do povoado de São João e cortado pela estrada de rodagem que liga São Luís a Ribamar, a qual, igualmente atravessa o sambaqui da Maiobinha.

Os dois sambaquis são muito semelhantes. Também no Pindaí, a camada de conchas se espalha pela lombada do vale, espalhando os seus detritos até o fundo deste. É sobretudo, bem nítida a camada natural virgem, de conchas, ao fundo e a camada arqueológica mista, da superfície até um e pouco mais. As distâncias para o mar são menores que a do Maiobinha.

Cita ainda a existência de outros sambaquis, mas que por nós não foram visitados.

A Pesquisa Arqueológica

A pesquisa dos sambaquis do litoral maranhense, tinha por objetivo, verificar possível correlação cultural e cronológica destes, com os sambaquis do Pará (fase Mina), do Recôncavo Baiano (fase Periperi), da Colômbia (fase Puerto Hormiga) e litoral das Guianas (fase Aloka), no sentido de testar hipóteses de uma dispersão e ocupação pré-histórica do litoral norte e leste da América do Sul, por grupos ceramistas adaptados aos recursos marinhos.

Foram localizados e pesquisados 8 (oito) sambaquis, dos quais, apenas 3 (três) permitiram escavações estratigráficas. O restante, como no litoral do Pará, encontram-se totalmente destruídos, restando somente fina camada residual de conchas e fragmentos de cerâmica.

Através da análise micro e macroscópica e a classificação tipológica dos fragmentos de cerâmica, acrescido por outras evidências (sepultamentos, artefatos e resíduos alimentares), provenientes das escavações dos sambaquis MA-SL-4: Maiobinha, MA-SL-5: Pindaí e MA-SL-8: Iguatuba, constatou-se terem sido estes, habitados por grupos perfeitamente adaptados ao ambiente marinho litorâneo.

O sambaqui da Maiobinha, que estava em melhor estado de conservação, apresentou refúgio ocupacional de cerca de 2 metros

de espessura, composto, principalmente, por valvas de moluscos em mistura com fragmentos de cerâmica, de artefatos líticos, vértebras de peixes, ossos de animais e presença de dois sepultamentos.

Em uma primeira tentativa de sequência seriada, notamos que a cerâmica é temperada, predominantemente, com conchas trituradas, seguido por areia e areia com cacos moldos. Junto a este material, há um outro, intrusivo, temperado com cariapé. O tipo decorado predominante é a pintura ou banho vermelho. Já é uma cerâmica melhor elaborada e com técnicas decorativas bem sofisticadas.

Os sepultamentos encontrados no sambaqui da Maiobinha são sepultamentos primários, de uma mulher em posição fletida e decubito dorsal, associado a contas líticas, e outro, de uma criança de colo, também associado a minúsculas contas líticas.

Foram identificadas a fauna malacológica com predomínio de *chione pectorina*.

Duas amostras de carvão do sambaqui MA-SL-4; Maiobinha, forneceram datações de A.D. 545 e A.D. 705.

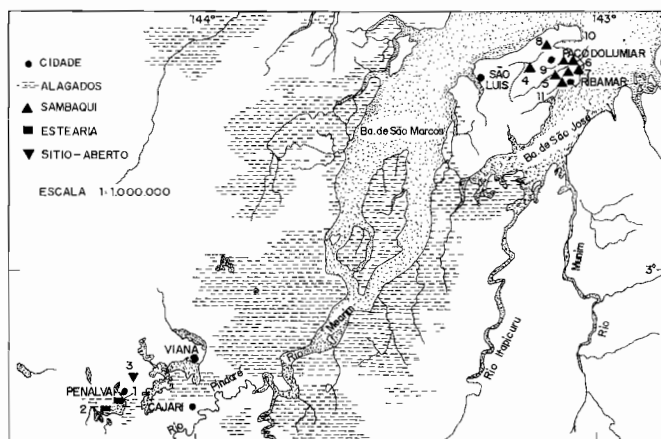
Os demais sambaquis, dos quais apenas foi permitida a coleta superficial tendo em vista o seu péssimo estado de conservação, apresentam composição malacológica com predomínio de *Anomalocardia brasiliana* e *Crassostrea* sp.

Pelos estudos iniciais, os três sambaquis em condições de escavação e que foram escavados – MA-SL-4: Maiobinha, MA-SL-5: Pindaí e MA-SL-8: Iguatuba –, não apresentaram características que permitissem correlacioná-los com a fase Mina do litoral paraense. Além disso, pela datação obtida para o sambaqui MA-SL-4, e pela sua semelhança com os outros dois, esses sambaquis parecem muito mais recentes do que os da fase Mina. Contudo, temos que considerar que os estudos foram ainda muito preliminares. Por isso não descartamos a possibilidade de que estudos mais detalhados, venham a evidenciar tal relação.

Já os 5 (cinco) sambaquis residuais, mesmo nesses estudos preliminares, apresentaram claras semelhanças com os sambaquis do litoral paraense, especialmente no que se refere à malacologia, com predomínio de *Anomalocardia brasiliana* e *Crassostrea* sp., o que nos permite supor um correlacionamento com os sambaquis da fase Mina do litoral do Pará, bem como da fase Castália do baixo Amazonas e ainda com a fase Alaka do litoral das Guianas.

BIBLIOGRAFIA

- IBGE. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro, 1957: vol. XV. il.
- LEONARDOS, Henry Othon. Concheiros naturais e sambaquis. **Departamento Nacional de Produção Mineral**, Avulsa nº 37 do Serviço de Geologia do Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1938, 109 p. il.
- LOPES, Raimundo. Entre a Amazônia e o Sertão. **Boletim do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, 1931, 7(3):159-60.



LOCALIZAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DA BAIXADA MARANHENSE E DA ILHA DE SÃO LUÍZ-MA.